

ANOS 1930: AMOR E “REVOLUÇÃO”

NASCIMENTO, José Jaime do.¹

A proposta deste artigo caracteriza-se pela abordagem de duas personagens que marcaram a história da Paraíba no final da República Velha e início da do governo de Getúlio Vargas. Os personagens João Pessoa e Anayde Beiriz, apesar de fazerem parte do mesmo momento histórico não se conheciam pessoalmente, mas tiveram seus destinos marcados por uma pessoa em comum, o advogado, João Dantas. A relação entre João Dantas e João Pessoa destacou-se por disputas político-partidárias, econômica e pessoal, já com Anayde Beiriz, o romance e a paixão foram o destaque. Por esses motivos, João Pessoa e Anayde Beiriz tornaram-se centro de estudos no meio acadêmico paraibano.

Para se ter um panorama sobre João Pessoa e Anayde Beiriz, direcionaremos nosso olhar para o Filme *Parahyba Mulher Macho*, lançado em 1983, dirigido pela cineasta Tizuka Yamazaki e produzido pela EMBRAFILME. Também será utilizado o artigo, *Escola e a Socialização do Mito João Pessoa*,² de José Luciano de Queiroz Aires, antigo professor da UEPB e atual da UFCG. Além destes, será explorado o artigo de Alômia Abrantes, intitulado, *Anayde Beiriz e seu corpo insurgente: outras “revoluções”*³, atual professora da UEPB, Guarabira.

Aires (2006), em seu artigo, vem quebrar com uma concepção de escrita que exalta os grupos detentores do poder, baseado num modelo metódico, tradicional e dito positivista. Estes métodos se caracterizam pelo apego aos documentos, pelos relatos dos grandes fatos e de importantes pessoas. Na realidade é uma história elaborada de “cima para baixo”. Esse modo de pensar acabou sendo questionado por estudiosos pertencentes à Escola dos *Annales*, este grupo amplia o campo de estudo, voltando seu olhar historiográfico, para uma história do cotidiano das camadas populares, antes negligenciada por historiadores. Creio que o professor Luciano de Queiroz, sobre influência dos *Annales*, especificamente da terceira geração,

^{*1} Aluno do 5º Período do curso de História da Universidade Federal de Campina Grande e graduado do curso de Ciências Contábeis pela Universidade Estadual da Paraíba.

² AIRES, José Luciano de Queiroz. “Escola e a Socialização do Mito João Pessoa”. *Inventando as Tradições, Construindo Memórias: A Revolução de 1930 na Paraíba*. Dissertação do Mestrado – Programa de Pós-Graduação em História/UFPB, 2006, pp 129-146

³ ABRANTES, Alômia. Anayde Beiriz e seu Corpo Insurgente: Outras “revoluções”. In: MACHADO, Charliton José dos Santos & NENES, Maria Lúcia da Silva (org.) *Gênero e Sexualidade: Perspectiva em Debate*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2007, pp. 209-222.

contesta o mito João Pessoa produzido pela escola. Onde atrelou a figura do presidente a de um herói, bandeirante e mártir.

Conforme observado no Filme e no artigo de Abrantes, Anayde Beiriz era uma mulher que quebrou com os paradigmas de sua época, se pôs contra as tradições impostas pela sociedade patriarcal, que determinava como uma mulher deveria se comportar. Contrariando o modelo de mulher de seu tempo enclausurada em si mesma, sem poder expressar seus desejos, Anayde deixou seu corpo falar, se entregou aos prazeres da carne, ao amor e a liberdade.

Tanto João Pessoa quanto Anayde Beiriz acabaram sendo personagens importantes da história paraibana na temporalidade dos anos 1920 e 1930 do século XX. O primeiro destacou-se por ter atitudes fortes e manteve suas convicções, ao ser eleito presidente em 1928, prometeu varrer a Paraíba da corrupção, como havia prometido e arrochou o cerco contra os sonegadores.

Portanto, enquanto João Pessoa queria fechar as porteiras da Paraíba para o comércio com Pernambuco, Anayde escancarava sua vida com atitudes consideradas libertinas.

1. Corpo transgressor

Anayde Beiriz nasceu em 18 de fevereiro de 1905, não pertencia a uma família abastada da Paraíba, ganhou notoriedade pelo jeito impulsivo de expressar seu pensamento e de dar rumo a sua vida.

Anayde era uma mulher de concepções diferentes da maioria das mulheres de sua época. Nem por isso afirmamos que ela tinha ideias a frente de seu tempo, como também não é permitido afirmar que ela se via e se representava como uma feminista. Ela ganhou destaque no Filme *Parahyba Mulher Macho*, por não esconder seu amor e a viril sexualidade.

O movimento feminista no Brasil caracterizou-se por manifestar-se contra as ordens conservadoras, estas excluía as mulheres do voto, as colocavam em prisões domésticas e as submetiam ao poder do pai e do marido. Foi durante as décadas de 1930 e principalmente 1960 e 1970 que os movimentos feministas foram institucionalizados, passando assim, a ganhar impulso no cenário político nacional.

Através de suas lutas em 1932, elas conseguem efetivamente o direito ao voto. O próprio Vargas reconhece o voto feminino em 1934. O tradicionalismo masculino aos poucos vai sendo minado.

No ano de 1922 inicia-se a Semana de Arte Moderna, que estava ligada a grupos modernistas, estes buscaram afrouxar as amarras acerca das questões de gênero e desfazer a definição de um lugar para o homem e um para a mulher. Com isso, abria-se o debate, juntamente com os movimentos feministas para se mostrar as mudanças que os corpos estavam passando, seja o masculino ou feminino, apesar de tal discussão ser considerada tabu para uma sociedade de tradições fixas.

Voltando ao lugar social em que Anayde se encontrava, uma província marcada pelo conservadorismo, deixar aflorar o sexo e a sexualidade era um posicionamento bastante desafiador.

Anayde foi uma mulher destemida que não se deixou dobrar pelo modelo tradicional do patriarcalismo. Ela não escondia a sua espontaneidade e sem qualquer hesitação demonstrava sua liberdade, como exemplo, participava de festas, de bebedeiras, de danças, de cantorias, usava roupas decotadas, de preferência na cor vermelha, o sorriso era marca registrada de sua personalidade e também foi a primeira mulher de sua época com título de professora a andar pelas ruas desacompanhada. Tais atitudes fizeram com que a sociedade a taxasse de uma mulher libertina, pois ela desafiava os padrões estabelecidos.

Por outro lado, ela se adéqua ao modelo vigente, quando se encaminha para o exercício do magistério, a única profissão que uma mulher de família poderia exercer. E mesmo sendo considerada a melhor aluna, ela não conseguiu ingressar na profissão de professora na Escola Normal:

Por que a família paraibana se preocupou tanto em demarcar limites para Anayde Beiriz, a ponto de não aceitá-la como mestre de seus filhos? Porque Anayde, acima de tudo, é professora, e, enquanto tal, o seu corpo deve ser trabalhado e disciplinado para a não-transgressão, para ser uma mãe de filhos em idade escolar, para negar a sua sexualidade em nome de uma maternidade. A escola aplica em seu corpo a pedagogia da sexualidade, vigiando seus passos, controlando seus impulsos, punindo suas transgressões. (OLIVEIRA, 2009, p. 3)

Anayde levava consigo marcas que abalava a estrutura familiar e educacional nos anos 1920, seu corpo era símbolo de sexualidade. Ela não escondia seus sentimentos e os desejos elaborados pela mente que entravam em sintonia com seu corpo pulsante. Pode-se afirmar que Anayde representava um “Tsunami” para o contexto histórico em que estava inserida, pois não se deixava levar pelas normatizações morais instituída pelo poder vigente e que era também reforçado pela escola.

O Filme *Parahyba Mulher Macho* traz Anayde como uma das personagens principais. Mas tal produção gerou discussões acaloradas entre historiadores paraibanos, alguns buscaram, especificamente, José Octávio de Arruda Melo, contextualizar qual foi efetivamente o papel desempenhado por Beiriz para a história da Paraíba, conforme observa Abrantes:

O historiador José Octávio de Arruda Melo, argumenta que *Parahyba Mulher Macho* não podia ser tratado como um filme político, pois como explica “o fato de alguém abordar um tema político, não o torna um filme político. O que o tornaria seria o tratamento, a sua objetividade”. Diante o historiador então questiona “Séria Anayde uma personagem histórico? Um personagem político?” Ao que mesmo responde: “Não. É uma figura muito lateral dentro da revolução de 30. Eu posso falar assim porque consultei toda a massa de jornais da Paraíba, de Pernambuco, do Rio Grande do Sul, entre os períodos de 1928 e 1931. (ABRANTES, 2007, p. 212)

Para entender a posição de Arruda Melo é indispensável destacar que ele tem laços com a teoria positivista, esta se caracteriza pelo “fetiche” do documento, por uma história direcionada as elites, pela ênfase na cronologia e por destacar fatos políticos institucionais.

De acordo com sua posição teórica, ele acaba colocando Anayde em posição lateral na história da Paraíba. Porém, a partir de 1929, e no caso Paraibano em 1980, os estudos se voltam para as questões mais descentralizadas do poder, abordando temas como: gênero, sexualidade, cotidiano e prática popular. Este estudo tornou-se possível graças à formação da Escola dos *Annales*.

Outro ponto que o filme suscitou controvérsias principalmente entre os familiares de Anayde foram às sucessivas cenas que exploravam sua sexualidade. Segundo Abrantes, “ela é a noiva, a amante, a prostituta ... sua identidade vai sendo construída a partir desses elementos relacionados a dispositivos sexuais e amorosos, filtrados pelos modelos de uma cultura falocêntrica”. (ABRANTES, 2007, p.214)

Anayde, conforme tratado no Filme, não continha seus desejos e manteve relações sexuais com seu primeiro namorado, depois, tais práticas foram constantes com seu amado-amante *João Dantas* e também quase fora abusada sexualmente. A conotação dada à sexualidade inquietou os familiares de Beiriz.

Por meio do corpo podemos citar que Beiriz quebra com as amarras de um modelo tradicional que via o sexo apenas como um meio de procriação, este modelo era fortemente defendido pela igreja. Através de suas atitudes, Anayde, fez seu corpo ter voz e se lançou nas práticas sexuais em busca de prazer.

Anayde Beiriz era uma mulher impulsiva que buscava a liberdade e deixava seus sentimentos transparecerem. Na sua adolescência tinha vida sexual ativa e discutia política, apesar de provocar irritação ao seu amante. Apaixonou-se e viveu com João Dantas, até ele ser morto na prisão no dia 6 de outubro de 1930. Em 22 de outubro do mesmo ano, ela foi encontrada morta.

João Dantas além de se destacar no filme, pelo relacionamento com Anayde, também tinha forte participação no cenário político paraibana. Ele era bem ligado a José Pereira, chefe político da cidade de Princesa. Este não tinha um bom relacionamento com o atual presidente, que ao chegar ao poder prejudicou os interesses econômicos e políticos de José Pereira. A disputa entre as duas lideranças políticas da Paraíba ocasionou a conhecida guerra de Princesa.

2. Morto “vivo”

João Pessoa, logo ao chegar à presidência da *Parahyba* do Norte, em outubro de 1928, já demonstrava que não iria corroborar com práticas há tempos difundidas na província. No seu primeiro discurso promete respeitar os chefes políticos, desde que não colaborem com os cangaceiros e estejam em dia com o Fisco. Afirmou que os ricos também pagariam impostos proporcionais a suas riquezas e promete não haver favorecimento para ninguém, seja parente ou não.

João Pessoa cumpriu o que havia prometido na posse, defender os interesses do Estado e buscar formar uma Paraíba forte. Para isso, interviu nas fronteiras dificultando a circulação de mercadorias para o porto de Pernambuco, tal atitude fez com que ele ficasse conhecido entre seus opositores como “João Porteira”.

A *Parahyba*, através de João Pessoa, acaba tendo uma participação no cenário político nacional. No final dos anos 30, o presidente do Brasil, Washington Luís, representante paulista, deveria indicar a presidência para o Mineiro Antônio Carlos. Mas, ele conclama como candidato Julio Prestes, outro paulista, isso no intuito de assegurar os interesses dos produtores de café paulistas, porém tal decisão provocou cisão na política café-com-leite.

Diante dos fatos, João Pessoa é convocado a compor chapa ao lado do presidente da província do Rio Grande do Sul. João Pessoa aceita participar da Aliança Liberal e em contra partida “NEGA” o apoio a Julio Prestes.

Mediante as agitações político-partidárias, as províncias de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba se unem entorno da Aliança Liberal. A chapa que contava com Getúlio Vargas para presidente e João Pessoa, vice-presidente, sai derrotada. Perdendo, assim, a eleição para o candidato paulista Júlio Prestes.

O descontentamento dos partidários da Aliança Liberal era visível, as classes operárias, o partido comunista, o partido democrático e os membros tenentistas estavam insatisfeitos com os grandes proprietários que continuavam no poder. Começaram, assim, a arquitetar a tomada do poder e o “estopim” foi a morte do vice-presidente João Pessoa, na Confeitaria Glória no Recife.

A atitude de João Dantas pode ter sido motivada por três fatores: um deles é que o advogado teve sua honra ferida quando o presidente da Paraíba mandou invadir sua casa. E de lá foi retirado um álbum que constavam fotos da intimidade do advogado com Anayde Beiriz. Outro fator pode está ligado às questões político-partidárias, pois João Dantas era considerado aliado de Washington Luís e do coronel Zé Pereira, esse fora o responsável pela *Revolta de Princesa* e o principal afetado da política de combate a sonegação de impostos. E o último motivo, João Dantas sente sua honra ultrajada quando tropas leais ao governo atacam a casa de seus familiares em maio de 1930.

Dizer que a morte de João Pessoa foi o “estopim” para a “Revolução de 1930” ou o “Golpe de 1930” como queiram chamar é um pouco incongruente, pois havia vários interesses escusos em jogo. Pode-se afirmar que um dos principais motivos era derrubar o poder dos grandes proprietários de terras que, por um longo período, dominavam a política local.

João Pessoa é assassinado no dia 26 de julho de 1930 e a comoção toma conta da Paraíba, uma vez que, o povo o tinha como um Deus e um líder. O carisma exercido pelo homem do “NEGO” era tão presente entre os paraibanos que, após dois meses de sua morte, foi elaborado um hino em sua homenagem. De acordo com Aires (2006, p.136) O Hino de João Pessoa tem como músico Eduardo Souto e letra do poeta pernambucano Oswaldo Santiago, conforme transcrito abaixo:

I

Lá do Norte um herói altaneiro,
Que da Pátria o amor conquistou,
Foi um vivo farol que ligeiro,
Acendeu e depois se apagou.

Estrilho

João Pessoa, João Pessoa
Bravo filho do Sertão,

Toda pátria espera um dia
A tua ressurreição.
João Pessoa, João Pessoa
O teu vulto varonil
Vive ainda, vive ainda
No coração do Brasil.

II

Como um cedro que tomba na mata,
Sob um raio que em cheio o feriu,
Assim ele ante a fúria insensata
De um feroz inimigo caiu.

III

Paraíba o rincão pequenino,
Como grande este homem te fez,
Hoje em te cabe todo o destino
Todo orgulho da nossa altivez.

Depois da morte do presidente, João Pessoa, o Hino passou a fazer parte dos eventos políticos, militares, datas comemorativas e foi bem difundido nas escolas. As instituições de ensino tiveram uma função preponderante na disseminação do mito João Pessoa. Nesse sentido, podemos pensar na escola enquanto instituição ideológica fortalecedora de uma concepção metódica, que aprimorou e difundiu a socialização da memória de João Pessoa.

A data 26 de julho marca a morte do ilustre paraibano. É notável o desempenho exercido pelas escolas em divulgar aos estudantes e a população a importância de lembrar o líder João Pessoa. Este dia é marcado pelo civismo, onde professores organizam festas, peças e teatros.

Para consubstanciar o mito João Pessoa foram dedicados inúmeros adjetivos, pelo qual ele se tornou conhecido, entre eles: o herói, o líder, o divino, o vencedor, o bandeirante, o guerreiro e o mártir. Estas representações foram extraídas dos textos pesquisados e de relatos de professores que buscavam exaltar, o grande paraibano.

João Pessoa acabou sendo o responsável por formar a identidade do Estado, como forte e valente, apesar de sua pequenez. Ele negou o apoio aos grupos políticos dominantes com a célebre palavra, “NEGO”. Mediante este fato e depois de sua morte o nome João Pessoa passou a ser sinônimo de bravura, passando, assim, a ser lembrado pelos paraibanos como herói. Até hoje o mito é vivo na Paraíba, pois a capital recebe seu nome, a bandeira conta com o famoso “NEGO” e o hino é tocado em algumas solenidades.

Para fortalecer a figura de João Pessoa passou-se a utilizar o dualismo. De um lado estava o líder, o herói e o bom, revivido através do hino, da bandeira e do feriado. Por outro

lado, estavam seus adversários, os ruins e maldosos, lembrados pela história oficial de forma negativa, aqueles que estavam contra João Pessoa e a modernidade.

É importante lembrar que o mito João Pessoa foi construído por seus partidários e pelas pessoas que foram levados a preservar a memória do líder, mesmo sem saber as diversas versões da historiografia paraibana. Porém, nem todos paraibanos comungam com tal proposta, especialmente os perrepistas, tradicionais opositores. Estes tentaram contar a história por outro viés, mas acabaram silenciados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRANTES, Alômia. *Anayde Beiriz e seu corpo insurgente: outras “revoluções”*. IN: MACHADO, Charliton José dos Santos. NUNES, Maria Lúcia da Silva (Orgs). *Gênero e Sexualidade: perspectiva em debate*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2007

Escola e a Socialização do Mito João Pessoa. In. AIRES, José Luciano de Queiroz. *Inventando as Tradições, construindo memórias: a revolução de 30 na Paraíba*. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em História/UFPB. 2006.

Filme: PARAHYBA, Mulher Macho. Direção: Tizuka Yamazaki. Interpretes: Tânia Alves (Anayde), Cláudio Marzo (João Dantas), Walmor Chagas (João Pessoa). Etc. Brasil, Embrafilmes, 1983.

OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. *Quando Eva buscou o Paraíso: Anayde Beiriz e a construção de novos caminhos feminismo para a Paraíba*. 2009.